

DEVOÇÕES JESUÍTAS NO RIO DE JANEIRO COLONIAL: IMAGENS E RELÍQUIAS

Cesar Augusto Tovar Silva

*Mestre em História Social da Cultura
Pesquisador e professor de História e História da Arte
PUC-Rio / FSB RJ / CSI-RJ
cesartovar@uol.com.br*

RESUMO

A história do estado do Rio de Janeiro em seus primeiros séculos está ligada à presença da Companhia de Jesus nessas terras, atuante desde os tempos da conquista da baía de Guanabara e do núcleo urbano que aí se formou, em 1565. A partir da fundação do Real Colégio de Jesus da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, em 1568, os jesuítas se fizeram presentes na construção das antigas capitanias que formaram este estado, por meio da manutenção de um conjunto de aldeamentos e fazendas desde a região dos Campos dos Goytacazes até as terras de Itaguaí. O presente texto é resultado de uma pesquisa acerca da arte e arquitetura jesuíta no Rio de Janeiro colonial, que teve como eixo motivador a contextualização da ação da Companhia de Jesus na construção da história da cidade do Rio de Janeiro. Entre seus desdobramentos, objetiva refletir sobre o significado das devoções difundidas por esta ordem religiosa nessas terras entre os séculos XVI e XVIII através das imagens e relíquias sagradas.

Palavras-chave: Jesuítas; devoções; imagens; relíquias; mártires.

A COMPANHIA DE JESUS E A AMÉRICA PORTUGUESA

Oficializada em 27 de setembro de 1540 pela Bula *Regimini Militantis Ecclesiae*, a Companhia de Jesus foi, entre as ordens religiosas atuantes nos séculos XVI a XVIII, o principal agente que permitiu à Igreja Católica organizar e expandir sua influência por meio da catequese e educação às terras colonizadas. Nesse contexto, há de se destacar a importância de seus missionários no processo colonizador empreendido por Portugal, primeiro Estado europeu com o qual a Companhia firmou parceria, consolidada ainda em 1540 com a chegada de jesuítas a Lisboa.

Na América Portuguesa, a presença da Companhia de Jesus se verificou a partir da instituição do Governo Geral e a chegada de Tomé de Souza à Capitania Real da Bahia de Todos os Santos, no ano de 1549. Desta comitiva fazia parte o primeiro grupo de jesuítas enviado ao Brasil, sob a liderança do Padre Manuel da Nóbrega.

Estabelecidos na Bahia, os jesuítas estiveram presentes na fundação da cidade de Salvador onde fundaram seu primeiro colégio no Brasil e deram início ao seu principal propósito na colônia, a conversão dos gentios. Para tanto, estabeleceram aldeamentos, comunidades indígenas dirigidas por padres, voltadas para a catequese e mantidas pelo trabalho de subsistência na lavoura e criação de animais.

A partir da Bahia, a presença dos missionários da Companhia de Jesus se expandiu tanto em direção norte, com destaque para a capitania de Pernambuco, como para o sul, notadamente nas capitanias do Espírito Santo e de São Vicente, onde foram fundados colégios e aldeamentos para a promoção da ação catequética e educativa. Para o sustento e manutenção desses estabelecimentos, a Coroa concedeu terras aos padres para que nelas instalassem fazendas produtivas. Dessa forma, formou-se a estrutura básica edificativa da presença jesuíta na colônia: os colégios, os aldeamentos e as fazendas. Em todas, cabe destacar a presença de capelas e igrejas que se destacaram como centros promotores das devoções católicas, um dos alicerces do processo colonizador lusitano.

A FUNDAÇÃO DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO

Entre dezembro de 1552 e janeiro de 1553, em passagem pela baía nomeada pelos portugueses como Rio de Janeiro, um grupo formado pelos padres Manuel da Nóbrega, Francisco Pires e quatro estudantes da Companhia teria pregado aos índios. Serafim Leite, célebre historiador da Companhia de Jesus, apontou esse episódio como “a primeira catequese dos jesuítas no Rio de Janeiro”¹.

Os portugueses, no entanto, não haviam dado muita atenção ao local, concentrando sua atenção mais ao sul, na região correspondente ao atual estado de São Paulo onde, em 1532, Martim Afonso de Souza havia fundado a vila de São Vicente na faixa litorânea e, em 1554, os jesuítas se fixariam, serra acima, junto às aldeias indígenas de Piratininga, núcleo gerador da futura cidade de São Paulo.

Em 1555, após décadas de boa relação de escambo estabelecida com os índios tamoios, que dominavam a região, um grupo de franceses chefiados por Nicolas Durand de Villegagnon adentrou a baía de Guanabara e nela fundou a França Antártica. O núcleo inicial dessa colônia correspondia à pequena Ilha de Serigipe (hoje Villegagnon) onde construíram uma paliçada nomeada Forte Coligny.

Para Portugal, a presença dos franceses na Guanabara era uma ameaça à soberania lusitana na região, isolando São Vicente das demais capitanias localizadas ao norte. Os jesuítas viam na França Antártica o perigo da proliferação entre os nativos dos princípios do calvinismo, então considerado uma heresia. Ameaçados em sua ação missionária, os padres assumiram papel de destaque na conquista do Rio de Janeiro.

Em 1560, o governador-geral Mem de Sá promoveu um ataque aos franceses. Entre os portugueses que participaram da tomada do Forte Coligny, estavam os padres Nóbrega e José de Anchieta. Para Nóbrega, contudo, não bastava expulsar os invasores. Mais de uma vez o padre escreveu recomendando a fundação de uma cidade na região. Para ele, só assim ficaria garantido o domínio português.

Sem a presença efetiva dos portugueses, os franceses não tardaram a retornar. Enquanto isso, empenhado no projeto de fundação de uma cidade na Guanabara, o governador enviou seu sobrinho Estácio de Sá para Portugal em busca de apoio real. Ao mesmo tempo, os jesuítas buscaram estabelecer a paz dos tamoios com os vicentinos, chegando, inclusive, a se fazerem prisioneiros em Iperoig (atual Ubatuba), onde conseguiram convencer alguns indígenas a desistir da luta contra os portugueses no Rio de Janeiro.

No início de 1565, o governador enviou Estácio de Sá da Bahia à Guanabara, com determi-

¹ LEITE, 1938, p. 363.

nações de expulsar os franceses e aí fundar uma cidade. Contudo, com recomendações de que nada se fizesse sem primeiro ouvir os conselhos do padre Nóbrega. Em resultado, no dia 1º de março do mesmo ano, foi fundada a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

O núcleo inicial da cidade localizava-se próximo à barra da Baía de Guanabara, na praia entre os morros Pão de Açúcar e Cara de Cão. Entre as primeiras benfeitorias aí realizadas, estava a primeira capela sob a responsabilidade dos jesuítas na cidade. Tratava-se de uma construção simples, feita de pau a pique e coberta de palha. Consta que algumas vezes ela teria sido furada pelas flechas dos tamoios. Era “uma casa-igreja da evocação de São Sebastião”², santo padroeiro da cidade e do jovem rei Dom Sebastião de Portugal.

Pouco tempo depois, ainda em 1565, Estácio de Sá iniciou o processo de distribuição de sesmarias. Coube aos jesuítas a maior delas. Conhecida posteriormente como sesmaria do Iguaçu, compreendia um amplo território correspondente a boa parte da atual zona norte carioca

Nos meses seguintes à fundação da cidade, ocorreram vários combates. Somente em janeiro de 1567, após a chegada de reforços vindos da Bahia sob a liderança do próprio Mem de Sá, é que foram realizadas as batalhas que determinaram a expulsão definitiva dos franceses. No entanto, o ataque às fortificações inimigas não se deu de imediato. Por ordem do governador, aguardou-se o dia 20 de janeiro, dia do padroeiro São Sebastião a quem se confiou a proteção no combate. Contudo, durante a luta, Estácio de Sá foi atingido por uma flecha. Vindo a falecer após cerca de um mês, foi sepultado na primitiva capela dedicada a São Sebastião.

Expulsos os franceses, Mem de Sá não tardou em transferir a cidade para um local mais seguro no interior da baía: o Morro de São Januário, que mais tarde passaria a ser conhecido como do Castelo. Nele os jesuítas fundaram o seu Colégio, sendo seu primeiro reitor o padre Manuel da Nóbrega.

A expansão da obra jesuíta nas capitanias que formaram o Rio de Janeiro

No novo sítio urbano, os primeiros moradores ergueram outra capela de São Sebastião e a entregaram aos cuidados dos jesuítas. Construída em taipa, era, porém, uma igreja provisória. Em 1570, Mem de Sá já havia feito erguer duas outras igrejas: a Sé de São Sebastião, para onde seriam transferidos os restos mortais de Estácio de Sá, e uma segunda, destinada aos jesuítas. Contudo, esta era pequena e logo precisou ser substituída por um templo maior, construído entre 1585 e 1588, junto ao qual ergueu-se o Real Colégio de Jesus.

Além do Colégio, cabe lembrar que os jesuítas estavam empenhados no trabalho da conversão do gentio. Para isso, foi fundado na sesmaria do Iguaçu, ainda que provisoriamente, o primeiro aldeamento indígena do Rio de Janeiro. Era a aldeia de Gebiracica, formada pelos índios temiminós que haviam lutado como aliados dos portugueses na guerra contra franceses e tamoios para a conquista da Guanabara. Aí os temiminós ficaram por alguns anos e fundaram uma ermida dedicada a São Lourenço, santo sob cuja proteção se mantiveram quando sua aldeia foi transferida para o outro lado da baía, nas terras da atual cidade de Niterói.

No Rio de Janeiro, os jesuítas mantiveram quatro aldeamentos. Os mais antigos, organizados ao redor da baía ainda no século XVI, eram São Lourenço, em Niterói, formado pelos temiminós transferidos de Gebiracica, e São Barnabé, no interior da baía, nas terras da fazenda jesuíta de Papucaia (ou Macacu). No século XVII, foram criados São Francisco Xavier de Itinga, depois transferido

² LEITE, 1938, p. 391.

para Itaguaí, e São Pedro de Cabo Frio, em regiões mais afastadas.

Na América Portuguesa, além do propósito catequético, os aldeamentos cumpriam o papel de defesa da terra contra as possíveis invasões estrangeiras. Assim, sua localização ficava também determinada pelos interesses militares da colonização. Nessa lógica, São Lourenço, São Barnabé e São Francisco Xavier formavam um triângulo defensivo ao redor da cidade do Rio de Janeiro. São Pedro garantia a proteção de Cabo Frio.

Na grande sesmária do Iguaçu, os padres estabeleceram dois engenhos e uma fazenda: o Engenho Velho, o Engenho Novo e a Fazenda de São Cristóvão. O mais antigo engenho da sesmária, o Engenho Velho, era dedicado a São Francisco Xavier. Construído nos primeiros anos do século XVIII, o Engenho Novo foi dedicado originalmente a São Miguel Arcanjo, a quem se consagrou sua primitiva capela. Em 1720, inaugurou-se uma nova igreja dedicada a São Miguel e à Imaculada Conceição. A Fazenda ou Quinta de São Cristóvão era a sede de uma ampla casa de campo onde os estudantes do Colégio passavam férias e o descanso semanal. Erguida em lugar alto, entre 1748 e 1752, era um grande edifício de planta com dois pátios internos, entre os quais foi construída uma capela dedicada a São Pedro. Além desta, reservada aos hóspedes da casa de campo, os padres já haviam construído à beira mar a capela de São Cristóvão para congregar os moradores da fazenda.

Além do recebimento de sesmarias, as propriedades dos jesuítas se formaram a partir da compra de terras ou da doação feita por particulares, sobretudo através de testamentos. Assim se formou a Fazenda de Santa Cruz, a maior propriedade jesuítica no antigo Rio de Janeiro, localizada na atual zona oeste carioca. A fazenda era dedicada à exaltação da Santa Cruz e sua igreja a Santa Bárbara.

No outro lado da baía de Guanabara, havia duas outras fazendas. A primeira delas, conhecida como Fazenda do Saco, foi construída entre as praias de São Francisco e Charitas, em Niterói. Segundo a tradição, sua primitiva capela foi erguida ainda no século XVI por índios temiminós e padres jesuítas, entre eles José de Anchieta. Na segunda metade do século XVII, a capela deu lugar à atual igreja de São Francisco Xavier, a quem se consagrou a propriedade. A outra fazenda ficava no recôncavo da baía. Era a Fazenda de Macacu, também conhecida como Fazenda da Papucaia, em cujas terras foi estabelecido o aldeamento indígena de São Barnabé. Entre as construções da fazenda, sua capela era dedicada a Nossa Senhora da Conceição.

A expansão dos jesuítas para o norte do Rio de Janeiro em direção ao Espírito Santo deu-se em conformidade aos interesses colonizadores de submissão dos indígenas e impedimento da presença estrangeira. A conquista das novas capitanias de Cabo Frio e da Paraíba do Sul, correspondia aos resultados da ação militar e administrativa colonizadora que, no processo de concessão de sesmarias, destinou três delas aos jesuítas. Além disso, cabe lembrar que, no ano de 1617, os jesuítas estabeleceram o aldeamento indígena de São Pedro de Cabo Frio.

Nas novas sesmarias, os padres construíram três fazendas. A mais próxima delas, não muito distante do aldeamento de São Pedro, recebeu o nome de Fazenda dos Campos Novos e foi consagrada a Santo Inácio. Mais ao norte, em Macaé, foi fundada a Fazenda de Santana. Por fim, a mais distante delas, porém a maior e mais importante, era a Fazenda de Santo Inácio e Nossa Senhora da Conceição, que ficou conhecida como Fazenda do Colégio, localizada em Campos dos Goytacazes.

AS DEVOÇÕES JESUÍTAS NO RIO DE JANEIRO COLONIAL

O culto aos santos surgiu nos primeiros séculos da Era Cristã, junto aos túmulos dos mártires, que acabaram por se tornar centros da vida eclesiástica europeia. Nas palavras de Peter Brown, os santos eram “mortos muito especiais”, cuja retidão de vida ou de morte pela fé permitiam a ligação entre os vivos e Deus³. Ao longo da Idade Média, outros modelos de santidade se uniram aos mártires e a prática do culto aos santos se tornou uma das marcas de identidade do cristianismo católico.

Fortalecido a partir do século XVI, em função do contexto contrarreformista, o culto aos santos se consolidou como um dos principais alicerces sobre o qual se desenvolveu o processo catequético junto às colônias ibéricas. Nesse raciocínio, as capelas e igrejas fundadas no Novo Mundo podem ser um dos elementos reveladores das intenções devocionais, ou seja, a que santos elas eram consagradas e por que razões.



FIG. 1 – São Lourenço. Madeira dourada e policromada. 118 cm. Séc. XVII. Igreja de São Lourenço dos Índios, Niterói. Foto: Cesar Tovar



FIG. 2 – São Barnabé. Madeira dourada e policromada. 134 cm. Séc. XVIII. Igreja de São Barnabé, Itaboraí. Foto: Cesar Tovar

Os jesuítas se destacaram como um dos principais agentes da promoção das devoções católicas na América. Contudo, cabe lembrar que, em seus primeiros tempos, a Companhia de Jesus ainda não possuía seus próprios santos oriundos da Ordem, razão pela qual se colocaram sob a proteção de modelos já consagrados de santidade, entre os quais se destacavam os mártires. No caso do Rio

³ BROWN, 1981, p. 3.

de Janeiro, constatou-se que os santos aos quais foram consagradas a maior parte das 14 propriedades da Companhia de Jesus (1 Colégio, 4 aldeamentos e 9 fazendas) eram mártires ou jesuítas, com ênfase aos primeiros no século XVI. Além do culto a São Sebastião, cuja imagem os jesuítas foram guardiães nos primeiros anos da cidade, também foram consagrados a santos mártires os aldeamentos de São Lourenço (FIG. 1) e São Barnabé (FIG. 2), bem como a fazenda de São Cristóvão. No século seguinte, o aldeamento de Cabo Frio foi consagrado a São Pedro, apóstolo e papa martirizado. Também a este foi dedicada a capela da casa de campo da Fazenda de São Cristóvão, erguida no século XVIII. Na mesma época, a capela da Fazenda de Santa Cruz foi consagrada à virgem mártir Santa Bárbara.

O século XVII consagrou as devoções jesuítas a partir da canonização de seus primeiros santos, Inácio de Loyola e Francisco Xavier, no ano de 1622. Das fazendas estabelecidas neste século, duas foram dedicadas a Santo Inácio (FIG. 3), a de Cabo Frio e a de Campos dos Goytacazes. São Francisco Xavier foi consagrado protetor do aldeamento de Itinga (FIG. 4). A ele também foram transferidas as devoções de duas fazendas fundadas no século anterior: o Engenho Velho e a Fazenda do Saco. O mesmo caso se aplica à igreja construída junto ao Colégio no Morro do Castelo, que passou a ter Santo Inácio como orago.



FIG. 3 – Santo Inácio de Loyola. Madeira policromada. 69 cm. Séc. XVIII. Igreja de Santo Inácio de Campos Novos, Cabo Frio. Foto: Cesar Tovar



FIG. 4 – São Francisco Xavier. Madeira policromada. 96 cm. Séc. XVIII. Igreja de São Francisco Xavier, Itaguaí. Foto: Cesar Tovar

A primeira capela ocupada pelos jesuítas, no sítio da fundação, havia sido consagrada a São Sebastião, cuja imagem teria sido trazida pelo próprio Estácio de Sá. Porém, a construção da Sé no Morro do Castelo e sua consagração ao padroeiro da cidade haviam implicado na transferência da imagem do santo para esta igreja. Assim, a igreja dos jesuítas, até então guardiã da dita imagem, parecia destinada a deixar de ser o principal centro devocional da cidade. Contudo, a situação foi revertida, pois, no final do ano de 1584, uma comitiva da Companhia trouxe ao Rio de Janeiro “uma relíquia do glorioso Sebastião engastada em um braço de prata”, conduzida à igreja dos jesuítas em solene procissão marítima e “colocada no sacrário para consolação dos moradores”⁴. Entre os múltiplos significados do recebimento desta relíquia, o historiador Vinícius Cardoso aponta a possibilidade dos jesuítas, como guardiães da relíquia do padroeiro, terem essa tutela traduzida em poder simbólico, “reafirmando sua função de guias da cristandade e mediadores com o divino”⁵. Dessa forma, os inacianos perdiam a representação da imagem, mas recebiam a relíquia, vestígio da própria presença física do santo.

Segundo Serafim Leite, os jesuítas possuíam uma considerável quantidade de relíquias, na maioria de mártires, guardadas tanto na igreja do Morro do Castelo quanto na capela interna do Colégio. Da lista, percebe-se a existência de mais de uma relíquia do padroeiro São Sebastião. Na igreja, encontravam-se relíquias de São Fabião, São Ponciano, São Remígio, São Basílio, Santa Praxedes, e dos mártires São Sebastião, São Xisto, São Gabínio, São Domício, São Ponciano, Santo Antimo, São Tibúrcio, São Valeriano, São Demétrio, Santa Júlia, Santa Inês e Santa Basilissa. Na capela interna do Colégio, havia relíquias do Santo Lenho, de Santa Mônica e dos mártires São Sebastião, São Macário, São Demétrio, São Julião, São Zenão, São Tiago Maior, São Maurício e três santas das Onze Mil Virgens. Em síntese, eram 29 relíquias, entre as quais 24 pertencentes a mártires. Serafim Leite descreve que, na capela interna, havia um relicário de mármore branco decorado com embutidos de jacarandá, onde foram colocadas as estátuas dos santos, cada qual com a respectiva relíquia incrustada no peito em caixinha de cristal. Além disso, uma cruz de prata com o Santo Lenho. No caso da igreja, as imagens dos santos, confeccionadas em madeira e vindas de Portugal pouco antes de 1619, precederam a chegada de suas respectivas relíquias⁶.

A obra dos jesuítas no Rio de Janeiro colonial também esteve sob a proteção da Imaculada Conceição; de Santana, sua mãe; do próprio Cristo, a quem a Ordem era consagrada; e da Santa Cruz, símbolo maior do cristianismo. Contudo, a maioria das propriedades invocavam os santos mártires e jesuítas como protetores, sobretudo aquelas de propósito eminentemente catequético, como os aldeamentos. Nesta perspectiva, é importante considerar que, na história do cristianismo, os santos eram os mais próximos da realidade humana, considerados verdadeiros “modelos imitáveis” de vida. Assim, na escolha dos santos protetores de suas capelas e igrejas, os missionários (incluídos os das demais ordens e regiões coloniais) podem ter priorizado aqueles que serviriam de maior inspiração a uma vida cristã praticável frente às dificuldades da realidade colonial, e que não hesitaram em morrer pela fé ou, conforme o lema jesuíta, viver para “a maior Glória de Deus”⁷.

⁴ CARDIM, 1980, p. 169.

⁵ CARDOSO, 2010, p. 49.

⁶ LEITE, 1938, p. 393-394.

⁷ JOLLES, 1976. p. 40.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROWN, Peter. *The cult of saints*. Chicago: The University of Chicago Press, 1981.

CARDIM, Fernão. Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica. In: *Tratados da terra e gente do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.

CARDOSO, Vinícius Miranda. *Emblema Sagitado: os jesuítas e o Patrocinium de São Sebastião no Rio de Janeiro, sécs. XVI-XVIII*. Seropédica- RJ, 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

JOLLES, André. Legenda. In: *Formas simples: legenda, saga, mito, adivinha, ditado, caso, memorável, conto, chiste*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.

LEITE, Serafim (SJ). *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tomo I. Lisboa: Portugalia; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

SILVA, Cesar Augusto Tovar. *Os jesuítas e o Rio de Janeiro: a saga dos jesuítas na construção da história do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: PUC-Rio / CSI, 2015.